

## A ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO

MANUEL SÉRGIO \*

**1.** A beleza é a atracção que sobre nós exerce o que consideramos um verdadeiro bem. E terá beleza o acto educativo? E poderá a arte educar? Educação sempre existiu, como reflexo e projecto de um determinado tipo de cultura. E, quando falamos em Educação, não esquecemos a Educação Motora (ou Educação Física), já que, no entender do Maurice Merleau-Ponty da Fenomenologia da Percepção, "o corpo é o berço de todas as nossas significações".

Na Filosofia da Educação, descubro dois momentos capitais: a luta pela sobrevivência e o desejo de aperfeiçoar o viver e o conviver. O discurso educacional assim o revela. Mas poderemos encontrar arte (ou beleza) na Educação? E a arte educa mesmo? Arte (do latim, *ars, artis*) vem de agere que significa agir. O artista é, pois, alguém que age, um agente. Daí que a estética, ou a reflexão crítica sobre a arte, seja simultaneamente *theoria* (visão) e *praxis* (acção): visão, porque o artista é um vidente, no mundo visível, de uma beleza invisível ao comum dos homens; é *praxis*, porque pela arte se faz criativamente a História. A arte é a percepção e a criação, pelo sentimento, da visão de uma beleza ideal.

E não é o Homem puro sentimento, antes de ser lúdica razão? Não é verdade que o Homem ama e só depois pensa o amor? Por isso, não há linguagem humana que possa descrever e explicitar, cabalmente, os sentimentos humanos. A experiência estética é a maneira de a nossa consciência apreender os sentimentos... que a linguagem não parece capaz de conceptualizar. E assim a arte desponta como uma forma de conhecimento e, como tal, deverá considerar-se um imprescindível elemento educativo. Se a problemática pedagógica há-de ter em conta a criatividade e esta gira em torno da imaginação e da inspiração - o processo educativo não deverá pôr de lado a arte, como entidade instauradora e promotora de novos valores e sentidos.

Demais, é o Homem um animal racional ou um animal emotivo? Declaradamente, ele é um ser emotivo, com alguns lampejos de racionalidade. "Em oposição a Aristóteles, a sociologia e a pedagogia moderna, bem como a sociopedagogia, mostram que o Homem é normalmente um animal emocional e, às vezes, racional. A cultura e a pedagogia consagram e perpetuam a ilusão da supremacia da racionalidade humana. Como resultado de tal condicionamento, mesmo agindo emocionalmente, as pessoas consideram-se unicamente racionais" (Delfim Soares, "Emotividade e Racionalidade no Processo Pedagógico", in *Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, Revista Portuguesa de Filosofia*, Outubro, 1982, p. 709). Continuo a acreditar que "il n'y a pas de phénomène dénué de logos. Il est toujours déjà logos" (Max Loreau, *La genèse du phénomène* (le phé-

\* Docente da Faculdade de Motricidade Humana

nomène, le logos, l'origine), Les Éditions de Minuit, Paris, 1989, p. 521). Só que o Homem é um ser complexo que nos obriga, para o compreendermos, a incluir (e não excluir) noções como ordem e desordem. E a não esquecer que "quanto mais complexa é a organização mais comporta as desordens que se chamam liberdade" (Edgar Morin, *Ciência com Consciência*, Publicações Europa-América, p. 152).

2. Nunca um gato poderá aprender a construir um ninho, ou um peixe andar de bicicleta, porque o comportamento de um e de outro (e afinal de todos os animais) é circunscrito biologicamente. O animal nasce praticamente programado. Por isso, Merleau-Ponty chama amovível a este tipo de comportamento. A espécie animal possui uma "memória biológica" e cada animal em particular uma "memória de sinais", que lhes possibilitam armazenar informações, mas verificando-se sempre uma relação determinada entre o seu organismo e a sua actividade. Ao contrário do Homem: este não tem asas e voa, não é peixe e mergulha nas águas.

O animal reage ao que o circunda, o Homem age, transformando precisamente o que o rodeia (e transformando-se, transformando). O animal adapta-se ao meio em que vive, o Homem adapta o meio às suas necessidades. Mas age e adapta, transformando o Mundo numa estrutura significativa, dentro do qual ele possa orientar-se com intencionalidade. O Homem transforma, não só através da tecnologia, mas através de símbolos que cria para interpretar o Mundo. Assim, o animal reage a um sinal mecanicamente enquanto o Homem interpreta significados. O Homem, mais do que sobreviver, ou mesmo viver, procura conferir um sentido à vida. O Homem valoriza, a todo o instante. Os valores nascem do universo simbólico por ele construído. Mas não será que o acto de valorar é predominantemente emotivo?

Toda a experiência que temos do Mundo é sentida antes de ser compreendida. Maurice Merleau-Ponty, na *Fenomenologia da Percepção*, merece, de novo, ser aqui recordado: "Tudo o que sei do mundo, mesmo decorrente da ciência, o sei a partir da minha visão pessoal, ou de uma experiência do Mundo, sem a qual os símbolos da ciência nada significariam" (p.6). De facto, a realidade, para o Homem, é aquilo que ele organiza numa estrutura significativa, por meio da linguagem. Mas, se se invoca a linguagem, surge-nos de imediato a imaginação. Susanne Langer, nos seus *Ensaio Filosófico*, acrescenta: "Linguagem e imaginação desenvolvem-se conjuntamente num regime de tutela recíproca" (p.89). Falar é quase sempre imaginar, porque "imaginar é visar o Mundo, ou certos objectos do Mundo, na forma de ausência". Ora, sempre que o ser humano fala tende a criar significações, imaginar o que não tem, ou não é.

A imaginação é própria do Homem. Só ele criou profetas, cientistas e artistas. Daí que a cultura resulte da imaginação humana. Na cultura, tudo tem significado, tudo é transformado em valores, tudo adquire a dinâmica do sentido. Educar é isto mesmo: é proporcionar instrumentos à valorização da vida... para transformá-la, evidentemente! Assim, a estética é necessária, no acto pedagógico, para que o educando saiba exercer a afectividade, a imaginação e assim apresente o novo inacessível à linearidade discursiva. Libertar a imaginação é afinal o que a estética pode trazer à educação. Sem a emoção estética, o sentimento estético e o juízo estético, será possível fazer do acto pedagógico um factor cultural ou mesmo envolver a educação da utopia, onde o possível se manifesta?

3. "Através da imaginação, o Homem constrói o seu mundo: sua filosofia, sua ciência, sua arte, sua religião. Na filosofia e na ciência, a imaginação se autodisciplina, criando normas para que a razão possa produzir de maneira mais eficaz. Enquanto na religião e na arte a imaginação salta o muro que separa o plausível do imponderável, para afirmar o que não é acessível à discursividade da linguagem e da razão" (João-Francisco Duarte Júnior, *Fundamentos Estéticos da Educação*, Papirus, Campinas, s/d., p.102).

Assim, sem tentar pormenorizar, parece-nos lícito adiantar algumas funções pedagógicas da arte:

- apresentar acontecimentos decorrentes da esfera de sentimentos, inacessíveis à linearidade discursiva;
- ao corporizar sentimentos, permitir ao educando uma mais cabal compreensão de si mesmo;
- o sublinhar das virtualidades emocionais, dado o predomínio da racionalidade na pedagogia tradicional (na arte, experimenta-se mais o livre jogo das faculdades do que a sua hierarquia);
- exprimir, com beleza, um espaço e um tempo, sem esquecer o elemento utópico que, como sempre, é mais projecto do que reflexo (recordo Lamartine: "as utopias são verdades prematuras").

Numa civilização profundamente prosaica, trepidante das mais variadas técnicas e com dimensões impledoras de ciência sem consciência, a consciência estética há-de significar, para o educando, a busca de uma visão complexa e bela do sentido da existência. E não é tanto a contemplação de obras de arte que desenvolve a consciência estética, a capacidade de escolha, a valoração existencial, mas a construção de trabalhos significantes, que permitam uma inefável harmonia entre o sentimento, o pensar e o agir. Nem sei porquê ocorrem-me agora os dois versos de Carlos Drummond de Andrade: "Tenho apenas duas mãos/E o sentimento do Mundo".